

# Discurso do ministro da Fazenda, Fernando Haddad – Lançamento do Plano de Transformação Ecológica - COP 28

**Dia 1 de Dezembro, 17h00**

Ministro Fernando Haddad - COP 28

É uma grande satisfação estar aqui na COP 28 ao lado da Ministra Marina Silva, apresentando o nosso Plano de Transformação Ecológica para o mundo.

O Plano de Transformação Ecológica é um reencontro do Brasil consigo mesmo. É o Estado brasileiro, a serviço da sociedade, mobilizando o que há de melhor em nós para superar uma pesada herança colonial de exclusão social, destruição ambiental, e subordinação internacional. É o Brasil tomando consciência de si mesmo e decidindo construir um futuro diferente, em que a prosperidade, a justiça social e a preservação ambiental andem de mãos dadas.

Senhor Presidente,

Desde o século XVI, a colonização e as navegações portuguesas conectaram o Brasil à África e ao mercado europeu, num processo de pilhagem para a produção de matérias primas. Engenhos de açúcar foram estabelecidos às custas de fatias da Mata Atlântica e da exploração brutal do trabalho de indígenas e africanos para adoçar as bebidas quentes que se tornavam cada vez mais populares na Europa.

Corridas do ouro transformaram a colônia, com desmatamento, mudança nos cursos de rios, assoreamento das águas e a combinação sinistra de violência contra povos originários e a migração forçada de milhares de africanos escravizados para trabalhar nas zonas de mineração no interior do país. O nosso ouro lubrificou os circuitos comerciais de uma Europa em expansão e o desenvolvimento de grandes centros financeiros como Londres e Amsterdã.

No século XIX, o café passou a ser consumido em quantidades cada vez maiores nos Estados Unidos, que então se industrializava. Os grãos que tornaram o Brasil famoso no mundo e fizeram a fortuna dos Barões do café eram na verdade o resultado do trabalho árduo de milhares de brasileiros escravizados no Centro Sul do Brasil. Novamente, a destruição ambiental da mata Atlântica no Vale do Paraíba foi o efeito colateral desse desenvolvimento para poucos.

Em resumo, Presidente, os efeitos ambientais e humanos da extração de todos esses produtos, que eram majoritariamente consumidos no Norte Global e tiveram um papel fundamental na história do desenvolvimento desses países, foram sentidos no Brasil, na América Latina, e na África. Por isso é tão injusto que os países do norte agora queiram que o Sul Global pague os custos da crise climática em que vivemos.

É hora de mudar essa história. Nós não queremos mais um ciclo de desenvolvimento que resulte em destruição ambiental e exclusão social. Ao contrário, queremos aproveitar a oportunidade única que está diante de nós para reimaginar o nosso país e o mundo. O Plano de Transformação Ecológica que eu

tenho a honra de apresentar a vocês hoje visa unir forças em torno de um objetivo histórico: interromper cinco séculos de extrativismo e destruição do meio ambiente para posicionar o Brasil na vanguarda do desenvolvimento sustentável.

Até aqui, a superação da nossa herança colonial tem sido um longo processo histórico, com avanços e recuos. Alguns dos desafios fundamentais do Estado brasileiro moderno remontam à transição truncada da Monarquia para a República, que se fez com a criação de estruturas sociais excludentes, a serviço de pequenas elites econômicas e políticas. A nossa industrialização gerou ilhas de excelência, mas reproduziu relações de dependência. A dívida histórica com nossa população negra e indígena que constitui a maior parte da classe trabalhadora brasileira nunca foi paga.

Só começamos a vislumbrar outro destino com a consolidação da democracia e, a partir de 2002, com o início da reversão da nossa secular exclusão social. A democracia é fundamental, porque ela permite colocar o Estado a serviço não de pequenos interesses particulares, mas de objetivos sociais e políticos definidos pela maioria da nossa sociedade. O Estado brasileiro já revelou ao mundo o seu potencial transformador, quando usado em favor de objetivos sociais, econômicos e ambientais. Todos conhecem o Brasil que mudou a história das negociações ambientais na Rio-92, bem como da alimentação e da saúde globais. Todos conhecem o Brasil da Embrapa, da grande rede de Universidades Federais, da Fiocruz, do Ibama e do Itamaraty.

É esse o Brasil que queremos mobilizar com o Plano de Transformação Ecológica. O Plano é fruto do trabalho e da dedicação de muitos brasileiros e brasileiras comprometidos com uma nova visão de mundo e de país. Em especial, agradeço imensamente a dedicação, o apoio e o compromisso da Ministra Marina Silva e de todas as autoridades que me honram com a sua presença aqui hoje.

Caras amigas, caros amigos

O Plano de Transformação Ecológica oferece um modelo realista, porém ambicioso, para a reinvenção do Brasil. Da quase centena de iniciativas que vamos lançar até a COP 30, em Belém do Pará, muitas já estão em implementação. Alguns exemplos são a criação de um mercado de carbono bem regulado, a emissão de títulos soberanos sustentáveis, a definição de uma taxonomia nacional focada na sustentabilidade, e a revisão do nosso Fundo Clima. Essas iniciativas visam criar as condições para uma nova onda de investimentos que terá como principal objetivo o adensamento tecnológico da nossa indústria, a qualificação da força de trabalho e a modernização da nossa ciência e tecnologia.

Um ano atrás, eu acompanhei o Presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva na COP do Egito. Tenho orgulho do caminho que percorremos juntos em tão pouco tempo. Nosso governo tem obtido grandes avanços em áreas chave para a transformação ecológica da nossa economia. Nos últimos dias, o Congresso aprovou projetos de lei sobre o hidrogênio verde e a geração de energia eólica offshore, dois setores chave da transição energética nos quais o Brasil detém um

potencial enorme. No primeiro semestre de 2023, tivemos uma queda de quase 50% no desmatamento na Amazônia, graças à reativação de ações de prevenção e controle. Também revisamos a nossa Contribuição Nacionalmente Determinada (NDC) para alcançarmos uma redução de 53% nos níveis de emissões em relação ao 2005, uma meta climática mais ambiciosa que a de vários países ricos, incluindo os Estados Unidos.

O Plano de Transformação Ecológica, à imagem do desafio climático, é um processo evolutivo. Ele buscará se adaptar a novos paradigmas e desenvolver políticas públicas para atender não apenas aos problemas do passado, mas também do futuro. Os primeiros estudos da iniciativa privada indicam que a transformação ecológica poderia gerar de 7,5 a 10 milhões de empregos e oportunidades de geração de renda. Esses empregos seriam em todos os setores, mas principalmente em bioeconomia, agricultura e infraestrutura, mesmo considerando perda de empregos em setores mais intensivos em combustíveis fósseis. No entanto, para capturar essa oportunidade, esses mesmos estudos estimam que o Brasil precisa de investimentos adicionais da ordem de USD 130-160 bilhões por ano nos próximos 10 anos, principalmente em infraestrutura para adaptação, energia, indústria e mobilidade.

A boa notícia é que temos um histórico de capacidade de mobilização de investimentos e de criação de infraestruturas sustentáveis. Se hoje somos um gigante das energias renováveis, é graças a investimentos públicos. Além das hidrelétricas, que constituem a principal fonte de eletricidade no Brasil, nos destacamos por nosso sistema elétrico unificado, que está entre os mais

abrangentes do mundo, com alta sofisticação tecnológica e regulatória. Graças a esforços iniciados já nos anos 1920 e intensificados a partir da crise do petróleo dos anos 70, montamos o Proálcool, o mais relevante programa mundial de mistura obrigatória de etanol e de venda de etanol puro.

Com Petrobras e outras empresas nacionais de ponta, continuamos a inovar em outros biocombustíveis como o biodiesel e o diesel verde. A Embraer, empresa brasileira que está entre as maiores fabricantes de aviões do mundo, vem se destacando em pesquisas com o SAF, o combustível sustentável para aviação. Na cana-de-açúcar, a principal matéria-prima para a produção de biocombustíveis no Brasil, temos pesquisas em curso que provavelmente vão possibilitar dobrar a produção nacional na próxima década usando a mesma área plantada. Tais resultados não seriam possíveis sem a nossa trajetória exitosa no setor de biotecnologia, onde fomos capazes de criar empresas pioneiras em melhoramento genético e na produção de bioinsumos.

Esses exemplos demonstram que a política industrial verde tem que se adaptar à condições específicas do nosso país. Para dar um exemplo, um carro movido a etanol no Brasil emite menos CO<sub>2</sub> do que um carro elétrico na Europa. As soluções para descarbonizar a economia não são uniformes, e dependerão das condições específicas de cada país. No caso dos países Sul Global, nós temos muito claro que essas soluções não podem prescindir de um enfoque na pobreza e na desigualdade.

Senhoras e Senhores,

O grande desafio que o mundo enfrenta hoje é dissociar o crescimento econômico – ainda fundamental para atender as necessidades das populações pobres – dos seus efeitos nocivos sobre o clima. Não por acaso, temos visto várias tentativas de reinvenção do Estado movidas pelo desafio da emergência climática. Do *Inflation Reduction Act* americano ao Plano Verde europeu, passando pela mutação do Estado chinês em potência da indústria renovável, a reinvenção do Estado impressiona, mas também preocupa, sobretudo na nossa perspectiva do Sul Global.

Em minhas conversas com parceiros internacionais, tenho insistido em unir esforços para transformação ecológica, de modo a evitar medidas protecionistas e a fragmentação geopolítica. Precisamos de uma transição global para o desenvolvimento sustentável. A prosperidade de uns poucos diante da miséria e da devastação ambiental de muitos se torna cada vez mais insustentável em um mundo em emergência climática.

O sucesso do Plano de Transformação Ecológica passa, portanto, pelo reposicionamento do Brasil no sistema internacional. O Plano é uma plataforma moderna, que cria oportunidades novas para atores tecnológicos e industriais globais potencializarem seus investimentos e produzirem no Brasil, de modo mais ambientalmente e socialmente sustentável. Mas o Plano também é um novo instrumento de engajamento diplomático, que questiona paradigmas engessados de desenvolvimento e vislumbra um novo papel para o Sul Global no mundo contemporâneo. O Plano é, na sua essência, uma proposta do Sul por

uma nova globalização. Uma globalização que seja ambientalmente sustentável e socialmente inclusiva. A reformulação dos fluxos financeiros globais passa pela afirmação do Sul como centro da economia verde. Essa é uma mensagem central que vou levar para essa COP e para o G20, que passamos a presidir a partir de hoje.

Presidente Lula, colegas Ministros,

A reinvenção do Brasil que propomos com o Plano de Transformação Ecológica é o primeiro passo para uma nova globalização socioambiental. Ao transformar reimaginar a nossa relação com a natureza e superar a nossa herança colonial excludente, estaremos dando uma contribuição decisiva ao mundo, e fazendo a nossa parte para vencer o maior desafio da história da humanidade: a emergência climática.

Obrigado a todas e todos.